

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTANCIA – NEAD

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO RACIAL – ERER - 2014

ROMILDA OLIVEIRA SANTOS

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

POSTURAS POSITIVAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

CURITIBA 2015

**ERER- ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAIS -
NEAB/UFPR**

ROMILDA OLIVEIRA SANTOS

POSTURAS POSITIVAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Trabalho de Conclusão do Curso Especialização em
Educação Étnico-Raciais – NEAB/PR sob a orientação
do Profº Dr. Sérgio Luís do Nascimento - Universidade
Federal do Paraná – UFPR

CURITIBA- 2015

Que os matizes, cores, alegria, e diversidade do nosso povo, sejam motivos de orgulho e de pertencimento do brasileiro e “que o brilho dos nossos olhos seja mais importante que a cor da nossa pele” e a textura do nosso cabelo.

CURITIBA- 2015

AGRADECIMENTOS

A Deus, que na sua infinita sabedoria me indicava os caminhos nos momentos de incertezas, dando-me força e persistência para chegar ao final.

Aos meus professores: orientador e co orientador, Dr. Sérgio Luís do Nascimento e Dr. Josafá Moreira Cunha, pela paciência e orientações ministradas.

A meus filhos: Valéria, Roberto e Rafael, sempre prontos para atender aos gritos de socorro, quando os textos desapareciam na tela do computador ou era direcionados para outros arquivos.

E aos demais parentes e amigos, pela paciência de me ouvirem falar sobre o artigo todas às vezes que estávamos juntos.

“Sou quem sou, porque somos todos nós” - Ubuntu, para vocês

*“Quando morre um velho, morre com ele
uma biblioteca inteira.” Ditado africano*

*“Até que os leões possam contar suas
histórias, os contos de caça glorificarão sempre
o caçador.” Ditado africano*

*É chegada a hora de contarmos outras
versões de uma mesma história para os jovens
que estão no caminho. Assim, ao compará-las
terão a possibilidade de escolher quais os
caminhos desejam percorrer. R.O.S*

RESUMO

Este trabalho propõe algumas reflexões sobre o exercício de práticas positivas acerca da história e cultura africana e afro-brasileira que possibilitem a construção e a afirmação da identidade negra, em crianças e adolescentes negros e afrodescendentes, na realidade das salas de aula das escolas públicas. Inicialmente discorrerá sobre a constatação de práticas e atos de discriminação e racismo no momento histórico atual, e sobre a lei 10 639/03, sua obrigatoriedade e dificuldades de sua implementação devido a fatores como: desconhecimento do corpo docente sobre o conteúdo estabelecido pela lei, falha da educação superior dos docentes; a falsa concepção da democracia racial presente no imaginário popular; o conceito de uma única cultura, a cultura eurocêntrica para a educação implantada desde os primórdios da formação da sociedade brasileira; a negação e desvalorização de outro modelo de cultura, no caso, africana, como meio de disseminar atitudes e atos de discriminação e racismo. Em seguida, é abordado o conceito de construção de identidade, segundo alguns autores da psicologia psicossocial. E, enfim, há um convite para o debate e para a reflexão de como práticas positivas, em sala de aula, no enfoque da história e culturas africana e afro brasileira podem contribuir para a construção, fortalecimento e o empoderamento da identidade negra.

Palavras-chaves: Práticas positivas; Construção da Identidade Negra.

ABSTRACT

This paper proposes some reflections on the exercise of good practices about the history and African culture and african-Brazilian to enable the construction and affirmation of black identity in children and adolescents black and African descent, in the reality of classrooms in public schools. Initially discusses the realization practices and acts of discrimination and racism in the current historical moment, and the law 10 639/03, its obligation and difficulties to implement it due to factors such as faculty ignorance of the content established by law, failure of higher education teachers, the false conception of racial democracy present in the popular imagination, the concept of a single culture, Eurocentric culture for education implemented since the beginning of the formation of Brazilian society, denial and devaluation of another culture model in this case, African, as a means of disseminating attitudes and acts of discrimination and racism. It is then discussed the concept of building identity according to some authors psychosocial psychology. And finally, there is an invitation to the debate and reflection of how positive practices in the classroom, the focus of history and African and african-Brazilian cultures, can contribute to building, strengthening and empowerment of black identity.

Keywords: Positive Practices; Black Identity Construction

SUMÁRIO

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	8
2 TÍTULO: Posturas Positivas e Construção da Identidade negra	8
3 SUBTÍTULO: A Construção da Identidade negra na Escola Pública e a Lei 10.639/03	8
4 JUSTIFICATIVA DO TEMA DE ESTUDO:	8
5. PROBLEMA/ PROBLEMATIZAÇÃO:	11
6 OBJETIVOS	12
6.1 OBJETIVO GERAL:	12
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	12
7. METODOLOGIA	12
8. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	13
8.1 A LEI 10639/03 E AS POLÍTICAS AFIRMATIVAS	13
8.2 PSICOLOGIA, RACISMO E PRECONCEITO	16
8.3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E PSICOLOGIA	18
8.4 EDUCAÇÃO, RACISMO E PRECONCEITO	21
9. CONSTUINDO A PRÁTICA EM SALA DE AULA	35
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERENCIAS	47

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Professora: Romilda Oliveira Santos

Área de atuação: Língua Portuguesa

Escola de Implementação: Colégio Estadual Prof^a. Edmar Wright

Município: Almirante Tamandaré

Público Objeto da Intervenção: Professores de língua portuguesa e alunos do Ensino Médio

2 TÍTULO: Posturas Positivas e Construção da Identidade Negra

3 SUBTÍTULO: A Construção da identidade negra na escola pública e a Lei 10.639/03

4 JUSTIFICATIVA DO TEMA DE ESTUDO:

A obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Africana e Afro Brasileira nas Escolas Pública foi estabelecida pela Lei 10.639, sancionada em 2003 pelo Presidente da República – que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases, 1996). A referida lei estabelece mudanças na LDB, que passaria a vigorar com alterações em seus artigos 26-A, 79-A e 79-B, conforme reza o próprio enunciado da lei 10.639. A normativa legal *altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (BRASIL, 2003a)*. A Lei ao estabelecer mudanças na grade Curricular da Educação Básica Nacional, a partir da inserção de conteúdos referentes ao ensino da História, Cultura e Literatura Africana e Afro Brasileira, nas salas de aula das Instituições Educacionais, sejam elas particulares ou públicas, aponta para o início de um novo momento na história da sociedade brasileira. E reflete uma conquista dos Movimentos Sociais Negros Brasileiros.

Entretanto, observa-se que na prática do dia-a-dia, a Lei 10.639/03 tem encontrado obstáculos para a sua completa implementação. O corpo docente das instituições educacionais - aqui trago o enfoque para escolas do Ensino Fundamental e Médio -, visto como recursos humanos, apesar do trabalho intensivo dos Movimentos Sociais Negros e da obrigatoriedade estabelecida pela Lei 10.639,

ainda valorizam os estereótipos europeus de ciência e cultura na sua práxis, Fernandes diz que “a história ensinada na escola atual não tem a cara da população, reflete a visão dos dominadores, e produz uma história parcial contendo elementos de discriminação e racismo”(2005, p.378-388). No cotidiano escolar, são observadas situações de práticas discriminatórias no ambiente educacional contra alunos negros e/ou afrodescendentes, registradas por muitas denúncias de discriminação racial no universo social, como um reflexo dos demais setores da sociedade contemporânea brasileira.

Os casos de discriminação racial, denominada por injúria racial pela justiça, são exemplos em vários segmentos sociais: no esporte, o goleiro Aranha,¹ Santos Futebol Clube foi chamado de “macaco” por uma torcedora do Grêmio durante uma partida de futebol realizada em Porto Alegre, em 28 de agosto de 2014. No setor de prestação de serviços, a funcionária² Marina Serafim dos Reis, atendente de cinema no shopping da Asa Norte em Brasília foi discriminada por um médico que tendo chegado atrasado para a sessão do filme, queria ser atendido antes de outros clientes. Quando a funcionária da bilheteria disse que ele teria que esperar ele começou a fazer confusão e a insultar a funcionária dizendo que a mesma deveria estar na África, cuidando de orangotangos. Um menino de apenas sete anos³ teria sido vítima de racismo em uma concessionária de luxo na Barra da Tijuca, na Zona Oeste. Revoltados, os pais da criança começaram uma campanha na internet contra o preconceito. Já a empresa garante que tudo não passou de um mal entendido.

Nos setores educacionais como escolas públicas e privadas, casos como: auxiliar de limpeza⁴ denuncia prática de discriminação feita por um colega da Fundação Educacional Encosta Inferior do Nordeste (FACCAT), da cidade de Taquara (RS), “Essa negra, para vir trabalhar, está doente, mas para pular carnaval está boa.” E outras como: fazia piadas depreciativas, comentava sobre negros de forma preconceituosa, chamava a auxiliar de limpeza de negrona e colocava

¹ Adriano Barcelos repórter em 03/09/2014 na Folha de S Paulo Online. caderno de esporte. www1.folha.uol.com.br/.../1510391-stjd-exclui-gremio-da-copa-do-brasil-;

² Manoela Alcântara no dia 01/05/2012 no Correio Braziliense.

http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/cidades/2012/05/01/interna_cidadesdf,300313/funcionaria-sofre-discriminacao-racial-de-cliente-na-fila-do-cinema.shtml

³ <https://www.youtube.com/watch?v=WvSiTLLve34>

⁴ <http://www.direitonet.com.br/noticias/exibir/11246/Auxiliar-de-limpeza-ganha-indenizacao-por-discriminacao-racial> Publicado em 23 de jan de 2013.

defeitos em seu serviço, “A situação de humilhação chegou ao extremo que levou a empregada a registrar ocorrência policial”. A coordenadora⁵ do Colégio Parigou, em Mandaguaçu, Maringá, no Paraná, foi denunciada por uma mãe negra por prática de racismo ao afirmar que as crianças negras eram preguiçosas, não queriam estudar etc., diminuindo o potencial intelectual das mesmas. Outra criança - garoto negro⁶ sofre racismo em escola particular, os colegas o xingava de negro fedido; Racismo de Diretora de escola pública⁷ barra aluna na porta da escola por causa do cabelo, etc.

Frente a tantos casos de discriminação racial no meio social e principalmente nas escolas conclui-se que a necessidade de mais discussões sobre a questão devem ser levantadas, com o objetivo de mudar o imaginário negativo sobre o elemento negro que ainda permeia o pensamento social do nosso tempo.

A negação e a ocultação da História e Cultura Africana e Afro-brasileira no ambiente escolar contribuem para que estereótipos alicerçados no imaginário do brasileiro sejam reproduzidos mais fortemente nas escolas públicas e particulares e conseqüentemente nos demais ambientes sociais brasileiros. Daí a necessidade de algumas reflexões e indicações de caminhos que possibilite a desconstrução destes estereótipos negativos sobre a raça negra. E, a partir dessa desconstrução construir um sentimento de valorização do negro como um importante elo na formação da estrutura social brasileira. Sugestões de caminhos como: a prática de posturas positivas sobre a História e Culturas Africana e Afro-brasileira pode minimizar ou mesmo eliminar os atos de racismo nas escolas; além de iniciar um processo de valorização e reconhecimento da importância do elemento negro na formação do povo brasileiro e na construção das bases de desenvolvimento do país viabilizando a construção de uma identidade negra positiva nos adolescentes atuais. Mudando a prática do racismo invisível/ cordial que permeia a sociedade.

Falar em prática de racismo ou preconceito na sociedade brasileira soa muito estranho para a grande maioria da população. O povo brasileiro traz impregnado nas suas vivências cotidianas por questões históricas, culturais e fundantes, o mito da

⁵ Agnaldo Rodrigues Vieira no you tube. <https://www.youtube.com/watch?v=ZXgvLUDMQDU> ;

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=GvAdLxAVWFc>

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=sQs9Me4fbI4>

democracia racial, ou seja, de que somos um país multiétnico, mestiço e vivemos em perfeita harmonia. Um país de muitos povos em que todos os direitos são respeitados e a todos são dadas as mesmas oportunidades.

Frente à falsa concepção registrada no imaginário da sociedade brasileira de que todos os brasileiros são tratados com equidade e igualdade tornam-se necessárias mais e maiores reflexões sobre o tema racismo e preconceito. Reflexões sobre como o contexto racista e preconceituoso pode influenciar na construção da identidade negra e sobre as possibilidades de mudanças do ambiente racista e discriminador para um ambiente no qual as diferenças são reconhecidas, respeitadas e constituintes de uma sociedade melhor. Assim a concepção de equidade e igualdade possa se transformar em realidade concreta para nós cidadãos brasileiros. Portanto, as reflexões sobre os temas: racismo, discriminação e construção de identidade negra têm por fim jogar um pouco de luz sobre o assunto.

Com a intenção de contribuir para a desconstrução de estereótipos negativos sobre a etnia negra, este trabalho de conclusão de curso (TCC) procurará mostrar algumas reflexões e sugestões de práticas positivas, em sala de aula com o tema História e Culturas Africana e Afro-brasileira, as quais, espera-se, sejam significativas, para a valorização e a construção da identidade negra dos adolescentes afrodescendentes paranaenses nas escolas públicas. Para tal será feito o levantamento de alguns autores contemporâneos da cultura e da literatura africana e afro-brasileira para a execução do trabalho pedagógico e a abordagem do tema, além de levar o enfoque para reflexões e debates para a produção cultural e artística contemporânea, que possibilite a interação dialógica entre professores e alunos.

5. PROBLEMA/ PROBLEMATIZAÇÃO:

Que práticas afirmativas e posturas positivas são necessárias no dia a dia da sala de aula para o empoderamento, a valorização e construção da identidade negra

dos alunos afrodescendentes da escola pública?

Frente a essa problemática tem-se como proposição levantar algumas reflexões que sensibilizem e motivem professores e alunos para o conhecimento sobre outros modelos de cultura e ciência, no caso, a africana, que permitam a construção do orgulho de pertencimento dos povos negros e alicerçamento da construção de uma identidade negra forte, além de contribuir para a implementação e o fortalecimento da lei 10639/03 nas escolas públicas.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo Geral:

Desenvolver algumas reflexões sobre a importância da construção da identidade negra nos alunos negros e afrodescendentes, a valorização do tema História e Cultura Africana e Afro-brasileira, através do desenvolvimento de posturas positivas por parte dos professores em sala de aula, da comunidade escolar como um todo.

6.2 Objetivos Específicos:

a) Apresentar algumas possibilidades para o trabalho com o tema História e Cultura Africana e Afro-brasileira, em sala de aula, que permitam a valorização do sentimento de pertencimento dos alunos negros e afro descendentes,

b) Sugerir temas e autores cujos trabalhos possam revelar a variedade e a riqueza da cultura e da literatura africana e afro-brasileira.

c) Apontar possíveis conexões entre esses autores e seus contextos com a realidade histórico-cultural dos jovens estudantes brasileiros negros, afro descendentes.

7. METODOLOGIA

Com relação aos aspectos metodológicos, o presente TCC fará uso da

bibliografia já existente em vários campos de pesquisa sobre o tema: História e Cultura Africana e Afro-brasileira, construção de identidade negra, sugestões e críticas sobre o processo educacional brasileiro. E a partir das leituras sobre os temas construirá reflexões e possibilidades que possam contribuir para enriquecer o dia a dia em sala de aula.

8. REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

8.1 A LEI 10639/03 E AS POLÍTICAS AFIRMATIVAS

A Lei 10639/03 através da obrigatoriedade vem cobrar efetivamente a desconstrução de estereótipos negativos através do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira e reafirmar o ideário escrito na Constituição Federal Brasileira de 1988, pois entre os objetivos registrados, no artigo primeiro afirma que “a República Federativa do Brasil [...] constitui-se em estado democrático de direito [...]”. Por sua vez, no seu art. 3º, incisos I, III e IV, tem como um dos objetivos fundamentais da república: construir uma sociedade livre, justa e solidária; erradicar a pobreza e a marginalização e diminuir as desigualdades regionais e sociais; promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Entretanto, estes ideários registrados na Carta Magna e a criação de Leis e mecanismos para combater a discriminação, os preconceitos etc. ainda não se apresentaram suficientes para que a população brasileira percebesse a amplitude dos objetivos. Foi, e é necessário que mais debates, mais discussões sejam vivenciados para mudar atitudes racistas e atos preconceituosos existentes na sociedade atual.

Nesse contexto, às ações afirmativas, segundo Joaquim Barbosa Gomes (2001a, p. 40), são conceituadas como sendo:

[...] um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate da discriminação racial, de gênero e de origem nacional, bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como educação e o emprego [...]. (B. Gomes 2001 a, p. 40)

Estas políticas afirmativas (ações afirmativas) criadas, como instrumento reparador em razão de um contexto histórico de desigualdade, para interferir nas relações sociais e facilitar o acesso a bens jurídicos, ainda encontram muita resistência por parte daqueles que momentaneamente tem o poder de decisão.

Por outro lado, em paralelo a estes impedimentos de caráter individual de grupos privilegiados e dominantes, grupos de pesquisadores, professores, juristas têm feito um trabalho assíduo de esclarecimentos e de educação a população menos favorecida, afim de que possam exigir os direitos garantidos por lei. Estudos, teses, pesquisas e projetos tem apresentado um profícuo desenvolvimento em termos de quantidade e qualidade para alicerçar a luta pelo respeito, reconhecimento e pela construção da identidade e da cidadania dos povos negros.

A Lei 10639/03, resultado das lutas do movimento negro pela valorização do africano e seus descendentes, foi criada e implementada. Entretanto, durante e até mesmo depois do processo de efetivação encontra obstáculos no pensamento eurocêntrico conservador e persistente do grupo social dominante, impedindo a implementação mais rápida da lei. De acordo com a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2011), a Lei 10639/03 se configura como uma política educacional do Estado brasileiro, conceito este originado na Constituição Federal de 1988 que define Educação como direito social e pela Lei 9394/96 (Lei de diretrizes e Bases da Educação, via inserção dos artigos 26A e 79B, também pela Lei 10.172, de 9/01/2001 (Plano Nacional de Educação) e por isso deve ser implantada em todas as instancias de educação do território nacional.

O caminho percorrido para a implementação da Lei 10 639/03 é tenso, complexo e apesar do esforço do MEC, a efetivação dessa política necessita de aprofundamento, pois os sistemas de ensino trabalham com visões muito diferenciadas para a efetivação da política educacional. Para Gomes (2011, p.116) “O direito a diversidade étnico-racial só será garantido efetivamente quando a sociedade civil se mobilizar nas escolas, nos currículos, nos projetos político-pedagógicos, na formação de professores e nas políticas educacionais, etc.”.

A pesquisadora Nilma (2011) esclarece que o parecer CNE/CP 03/2004 e a resolução CNE/CP 01/2004, são políticas de ação afirmativas voltadas para a

valorização da identidade, da memória e da cultura negras, reivindicação dos movimentos negros e sociais, irmãos e parceiros na luta antirracista, e que ainda não foram efetivadas completamente na prática das escolas da educação básica, na educação superior e nos processos de formação inicial e continuada de professores(as). Por falta de alicerce, a Lei e as Diretrizes conflitam com o imaginário racial presente na estrutura e funcionamento dos órgãos educacionais. Por ex: o mito da democracia racial, o racismo ambíguo, a ideologia do branqueamento e a naturalização das desigualdades raciais.

Para Gomes

“a existência de experiências, mesmo que tímidas, mas enraizadas como a inserção da lei n. 10.639/03 nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs), trabalhos conjuntos com a comunidade, Movimento Negro, comunidades/terreiro, projetos interdisciplinares, comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra, estudos sistemáticos sobre o continente africano, projetos realizados com a participação dos estudantes, entre outros. Há, em diferentes estados e municípios, um movimento de práticas mais coletivas se constituindo; todavia, como apontam várias pesquisas, a atuação individual de docentes interessados no tema é ainda a ação mais recorrente nas escolas (MONTEIRO, 2010; SOUZA e CROSO, 2007; GOMES et al., 2006; ABRAMOVAY e CASTRO, 2006; SANTANA, 2003 e 2004). As instituições de ensino cuja gestão se desenvolve de forma mais democrática e participativa tendem a desenvolver trabalhos mais dinâmicos, coletivos, articulados, enraizados e conceitualmente mais sólidos voltados para a educação das relações étnico-raciais”(GOMES 2007, p.119).

A pesquisadora equaciona que em paralelo com as experiências positivas de implementação também, se presencia as dificuldades de implementação da Lei 10639/03 que se dá inicialmente,

“pela novidade do tema no campo da gestão e da política educacional, além de contar com a existência e a persistência de um imaginário conservador em relação à diversidade e a questão racial partilhado por pelos gestores de sistemas de ensino e das escolas (e intelectuais da área)”(GOMES,p.119, 2007).

Pois, ainda existem na educação e nas escolas públicas brasileiras,

“formas autoritárias de gestão que, lamentavelmente, ainda existem na gestão da educação e das escolas públicas brasileiras, configuram-se em forte impedimento para a realização de práticas pedagógicas que atendam o

direito à diversidade de maneira geral e a implementação da lei n. 10.639/03, do Parecer CNE/CP 03/2004 e da Resolução CNE/CP 01/2004, em específico” (GOMES, p.119, 2007).

8.2 PSICOLOGIA, RACISMO E PRECONCEITO

Muitos autores já escreveram e ainda escrevem sobre preconceito e racismo. Assim, trarei para o debate algumas reflexões sobre racismo e particularmente sobre o chamado racismo à brasileira. Em sua tese de doutorado, Marcus Eugênio Oliveira Lima (2004) apresenta particularidades bem diferentes do racismo americano e do europeu.

O. Lima (2004) apresenta em seu artigo “As novas formas de expressão do preconceito e do racismo” traz para discussão algumas reflexões sobre o chamado “racismo a brasileira”, conhecido como racismo cordial. Inicialmente apresenta um retrato conceitual sobre preconceito e racismo, diferenciando um do outro.

Segundo, O. LIMA, 2004 apud, Allport 1954 foi quem delineou “as linhas fundamentais” do que seja preconceito. Assim, “preconceito é uma atitude hostil contra um indivíduo, simplesmente porque ele pertence a um grupo desvalorizado socialmente”.

O. Lima afirma ainda,

que entre as muitas formas “possíveis de preconceito”, o preconceito racial se refere a grupos com as mesmas características físicas ou fenotípicas herdadas, citando Allport (1954); e Stephan,(1985) preconceito étnico direcionado a todo um grupo de pessoas ou a uma pessoa por fazer parte daquele grupo (O. LIMA. 2004, p.4).

Para O. Lima (2004) racismo é diferente de preconceito. Este é mais uma postura de discriminação e exclusão contra um sujeito cujo comportamento e cujas ações e atitudes trazem uma marca cultural interna. Enquanto aquele alicerçar-se em um processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um sujeito ou toda uma coletividade reconhecida através de marca física externa (a cor da pele). A marca física externa é relacionada diretamente com pré (conceitos) elaborados no passado com relação a determinados sujeitos como: ser “preguiçoso, alegre e agressivo” (O.LIMA, 2004, p.4).

O. Lima (2004) apud, Guimarães (1999) reafirma que o racismo é uma

redução do cultural ao biológico, uma tentativa de fazer o primeiro depender do segundo. O autor ainda afirma

que as definições e os níveis de análise do preconceito e do racismo refletem os ambientes sociais e históricos onde acontecem as relações racializadas de tal maneira que a natureza e as formas de expressão do preconceito são influenciadas, e mesmo definidas, pelas normas sociais que estejam salientes no contexto (Allport, 1954; Correia, Brito, Vala, & Pérez, 2001; Dovidio, 2001; Gaertner & Dovidio, 1986; Lima & Vala, 2002; Pettigrew, 1958, 1959/1993), (O. LIMA, 2004. p.5)

Como as discussões sobre racismo e discriminação racial tem ampliado seu foco em termos de espaço e quantidade desde meado do século XX, pode-se pensar na inexistência de racismo ou discriminação em território brasileiro principalmente pelo pensamento difundido de democracia racial, entretanto para Oliveira Lima (p.7, 2004), mudou-se apenas as formas de discriminação e de racismo. E que, fôrmas mais refinadas, camufladas e dissimuladas de preconceito se alicerçam na sociedade brasileira atual.

Como reconhecer atos de racismo cordial, o racismo à brasileira em uma sociedade de múltiplos rostos e múltiplas cores, onde a mistura racial é um fator característico da identidade social da população?

Oliveira Lima, citando Turra & Venturi, 1995. Racismo cordial; Degler, 1971, Skidmore, 1993, para comparações entre o racismo em sociedades "bi raciais" e em sociedades "multirraciais", diz que,

Alguns elementos, associados a outras questões históricas e culturais, dentre as quais se destacam o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento (ver Guimarães, 1999; Schwartz, 1993, 1996, para revisões teóricas), fazem surgir no Brasil uma forma específica de expressão do racismo, o racismo cordial. (O. LIMA, 2004, p.16)

Oliveira Lima continua, citando Turra e Venturi (1995) et al., sobre o racismo cordial ou racismo à brasileira.

O racismo cordial é definido como uma forma de discriminação contra os cidadãos não brancos (negros e mulatos), que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que se expressam ao nível das relações interpessoais através de piadas, ditos populares e brincadeiras de cunho "racial". O pressuposto empírico desta teoria resulta de um estudo realizado junto a uma amostra representativa da população brasileira no qual se verificou que, apesar de 89% da amostra afirmar que existe racismo no Brasil, apenas 10% admitem ser racistas. Turra e Venturi (1995) utilizaram então uma escala menos

direta com 12 itens (e.g., "Negro bom é negro de alma branca", "Negro, quando não faz besteira na entrada, faz na saída", etc.), e verificaram que mais de 50% da amostra pesquisada concorda com afirmativas deste tipo. De uma maneira geral, 83% da população entrevistada concorda, em algum nível, com os itens da escala de racismo cordial. E como afirma Guimarães (1999, p.67) "trata-se de um racismo sem intenção, às vezes de brincadeira, mas sempre com consequências sobre os direitos e as oportunidades de vida dos atingidos". Não obstante essa aparente falta de intenção e sutileza de expressão, o racismo à brasileira nada tem de cordial, pois implica num cenário sinistro de discriminação e exclusão das pessoas negras, como indicam os dados amplamente catalogados por Silva (2000). Discriminação que chega a ser mais forte do que a sofrida pelos negros no Reino Unido. (O. Lima, 2004, p.16)

Portanto, um tipo de racismo mais cruel e mais sutil foi desenvolvido e alicerçado na cultura do brasileiro. Para mudar a prática do racismo cordial ou racismo a brasileira, muitas das vezes inconsciente praticados nos ambientes sociais e instituições educacionais é necessário construir outro imaginário no qual o elemento negro e afrodescendente seja apresentado de forma positiva com as qualidades físicas, morais e intelectuais que foram suprimidas no passado, devido a um pensamento político homogeneizador, reacionário e racista de determinado grupo social que ocupava o poder e determinava o destino da Nação brasileira. E conseqüentemente mudar o modo como o povo brasileiro vê seus irmãos mestiços, afrodescendentes e negros. Assim o ensino da cultura negra e do conhecimento historicamente construído pela humanidade é etapa essencial para o processo de desconstrução deste imaginário negativo acerca da etnia negra.

8.3 CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E PSICOLOGIA

O que vem a ser construção de identidade e particularmente construção de identidade negra?

O termo construção da identidade segundo o E-Dicionário de termos literários, de Carlos Ceia⁸ é definido, como

“termo de origem latina, formado a partir do adjectivo “idem”(com o significado de “o mesmo”) e do sufixo “-dade” (indicador de um estado ou qualidade). Como tal, a etimologia desta palavra conduz à sua aplicação como qualificadora daquilo que é idêntico ou o mesmo, sendo, portanto, identificadora de algo que permanece.”

⁸ www.edtl.com.pt

Para Flávia Gonçalves da Silva, Psicóloga e Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC-SP, em seu artigo sobre “Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural” esclarece:

Na psicologia, termos como subjetividade, individualidade, personalidade e identidade são comumente usados seja para se referir ao objeto de estudo dessa ciência, seja para designar processos e/ou resultados que compõem ou auxiliam na compreensão do objeto da ciência psicológica.

Na psicologia histórico-cultural (para alguns a psicologia sócio-histórica), que tem em seus fundamentos teórico-metodológicos as produções de Vigotski, Leontiev, Luria e outros autores soviéticos, o objeto de estudo é a consciência, mas, para compreendê-la, é necessário considerar os processos que a constituem e fazem com que seja constituída. Entre estes estão a subjetividade, a individualidade, a personalidade e a identidade.

Nas produções de autores brasileiros, que buscam na psicologia histórico-cultural seus fundamentos, muitas vezes esses termos são utilizados como sinônimos ou são descartados um em detrimento de outro sob a justificativa que um termo retrata melhor a historicidade e a dinamicidade do psiquismo que outro. (2009, p.3)

Esclarecido o termo “Construção de Identidade” trago o diálogo sobre a “construção da identidade”, o estudo realizado na Universidade Autónoma de Lisboa sobre as Teorias da Personalidade, em 2004. O artigo intitulado Teoria Psicanalítica Contemporânea de Erikson traz um estudo sobre construção de identidade de Erik Erikson, criador da Teoria Psicossocial do desenvolvimento, discípulo de Anna Freud. Erik sem discordar dos estudos de Freud direciona sua pesquisa para outra vertente e propõe uma concepção de desenvolvimento em oito estágios chamados de psicossociais.

Segundo GONÇALVES, Dora Maria Martins. *et al* (2004, p.8). Erikson apresenta sua concepção tendo por base oito etapas que, aqui, sintetizadas – As quatro primeiras enfocam o desenvolvimento desde o nascimento (1ª etapa) até a infância (4ª etapa), a 5ª, a construção ou confusão da identidade e as três últimas vão da fase adulta até a velhice.

É na etapa inicial, na relação das crianças com as mães e são construídos os sentimento da confiança básica ou da desconfiança; na segunda a autonomia/dúvida ou vergonha com os pais (mãe e pai); na terceira etapa, a iniciativa / culpa em contato com os familiares mais próximos; a 4ª etapa, desenvolve a competência/inferioridade. Esta é idade escolar que vai de 06 aos 11 anos mais ou menos. Neste

momento de desenvolvimento a criança é incentivada a assumir compromissos e desenvolver suas atividades, se consegue desenvolve a competência se não, o sentimento de inferioridade. Na 5ª etapa 12 a 19 anos é a etapa da construção da identidade/ confusão de identidade. Através das relações significativas com seus semelhantes, seus pares, seus amigos e demais pessoas do relacionamento social o jovem começa a questionar as regras, quem é, o que quer etc., começa a construir sua personalidade e a descobrir sua vocação. Quando é impedido de fazer tais relações, o jovem se retrai, se silencia estabelecendo assim a confusão de identidade por não ter representações simbólicas no seu desenvolvimento. Nas três etapas seguintes: ou seja, intimidade/ou isolamento quando é capaz de estabelecer um relacionamento mais profundo com o outro, pois veio adquirindo pré-requisitos deste a infância até esta fase. Segue-se então, a próxima fase a geratividade/ou estagnação, na qual o individuo torna-se um agente produtivo para sociedade através do trabalho e da responsabilidade que começa a dividir a família. Por fim, a última fase enfocada por Erik Erikson, (1972) a fase da intimidade/desespero. O individuo nesta fase, a partir do capital de desenvolvimento construído anteriormente entra em um período de reflexão e revisão sobre o que fez ou deixou de fazer. A família é estendida para a humanidade e o bem que pode fazer ou não a outras pessoas.

A Psicóloga, Mestre e Doutora em Educação pela Unesp, Rita Melissa Lepre (2003, p.3) em seu artigo sobre “Adolescência e construção da identidade” afirma que:

A construção da identidade é social e acontece durante toda, ou grande parte, da vida dos indivíduos. Desde o seu nascimento o homem inicia uma longa e perene interação com o meio em que está inserido, a partir da qual construirá não só a sua identidade, como a sua inteligência, suas emoções, seus medos, sua personalidade, etc.

A construção da identidade é um desses fatores relacionados ao desenvolvimento que tem íntima, senão total, dependência da cultura e da sociedade onde o indivíduo está inserido. (Lepre. 2003, p.3)

Se, o que diz Lepre (2003) sobre a construção da identidade é verdade, a criança e o adolescente ao atingirem a quarta fase e a quinta fase do desenvolvimento, esta última citada se inicia para complementar as demais fases anteriores - procura estabelecer já na idade escolar uma rede de relacionamentos

que marcarão para sempre sua história de vida.

Assim sendo, todas as experiências vivenciadas por estes indivíduos, sejam negativas ou positivas, contribuirão para a construção da identidade do mesmo. Sendo então, essa criança ou adolescente exposta a situações de discriminação racial (caracteres fenotípicos, desenvolvimento intelectual) através dos mecanismos de reprodução ideológica alicerçados na sociedade brasileira, a construção de sua identidade ficará comprometida e o sujeito inscrito entrará na chamada “crise de identidade”. Pois a busca do “Eu” nas representações simbólicas ausentes originará angústias, passividade, revolta, conflitos de valores ou um assimilacionismo não crítico a partir do qual, este sujeito inscrito negará todos os demais e a si mesmo. Assim a construção da identidade é pessoal e social, acontece de forma interativa através de trocas entre o indivíduo e o meio em que está inserido.

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. (1972, p.21)

8.4 EDUCAÇÃO, RACISMO E PRECONCEITO

Desde a abolição da escravatura, o ideal branco-europeu com características identitárias é valorizado e imposto através de ferrenhos mecanismos de reprodução ideológica. O afrodescendente brasileiro aprende cedo através da exposição a situações de humilhação e discriminação que este é o retrato sonhado por uma sociedade educada sobre os moldes eurocêntricos. A pessoa negra é submetida a inúmeros os processos discriminatórios na construção de sua identidade, no seu cotidiano, na escola, no trabalho, e em todos os espaços que permeia o seu dia a dia. Processos estes reproduzidos a partir de normas sociais dominantes que asseguram a ordem socialmente instituída e silenciada nas “não” discussões dos grupos sociais dominantes.

O preconceito é retroalimentado nos espaços da escola e do trabalho. Espaços estes responsáveis pela reflexão e construção de possibilidades de

mudanças sociais na busca de uma sociedade mais igualitária e com mais equidade.

O fato de nossa população apresentar características mestiças variáveis e a falta de discussões sobre essa diversidade é refletidas nas categorias de identificação tendo por base o tom da pele. Por exemplo: ser mulato (a), ser moreno (a), moreno claro, cor de chocolate etc. Assumir-se como negro era assimilar o conceito de ser sujo, ser burro, ser feio. Era sofrer e ser submetidas a condições de inferioridade e desvalorização de suas características físicas e capacidades intelectuais.

A necessidade de mais estudos, discussões e debate sobre o tema deve ser prioridade nas academias de formação. Mudar o modo como os professores veem o ensino da cultura e do conhecimento historicamente construído pela humanidade é etapa essencial para o processo de desconstrução do imaginário negativo acerca da etnia negra. A formação do professor é a chave que permitirá a abertura de muitas janelas na mediação do conhecimento com os alunos.

As mudanças estabelecidas pela obrigatoriedade da Lei 10.639/03, na grade Curricular da Educação Básica Nacional com a inserção de conteúdos referentes à História, Cultura e Literatura Africana e Afro-Brasileira nas salas de aula das escolas públicas e particulares, em todos os níveis de ensino, abre várias perspectivas para a construção de novos conhecimentos e reconhecimento dos laços de similaridades e afetividades entre brasileiros e africanos.

A diversidade histórica e cultural do povo brasileiro necessita de caminhos nos quais seus vieses possam ser reconhecidos, discutidos e ampliados e através de ações realizadas na prática cotidiana contribuam positivamente para o respeito e reconhecimento da riqueza cultural que alicerça conhecimentos, tradições, crenças, comportamentos e atitudes que dão as matizes e o colorido do povo brasileiro.

O trabalho com posturas positivas relacionadas a história e cultura afro brasileira e africana abre uma janela para o conhecimento do mundo africano, dos povos, seus costumes e suas histórias de luta na sociedade atual. A abertura proporcionada por atitudes de valorização, respeito e admiração, além de despertar o prazer (fruição) de ouvir sobre outros povos, nos narra com várias nuances a evolução, a história e existir dos povos africanos e dos afrodescendentes.

Alicerçando essas reflexões acerca do trabalho com posturas positivas sobre o ensino da História e Cultura Africana e Afro brasileira está o documento do MEC- Ministério de Educação e Cultura do Governo Federal do Brasil intitulado

“Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006. 262 pg.; il”.

O documento abrange todos os níveis de educação e formação. Além das leis, e pareceres sobre as mudanças na Educação Brasileira, faz um amplo e detalhado debate sobre conceitos, e ações para a valorização do povo negro, elemento fundante da sociedade brasileira. Inicia enfocando o primeiro estágio de desenvolvimento humano e a aprendizagem, ou seja, a Educação Infantil no Brasil, apresenta os referenciais para abordagem da temática étnico-racial nesta etapa e passa o enfoque para o Ensino Fundamental: O papel e a função da escola como espaço para a construção do conhecimento, faz a contextualização teórico metodológica, apresenta questionamentos sobre quem é a clientela da escola , como é, como deve ser vista e educada´, a seguir trata das questões pedagógicas e a questão racial no cotidiano escolar. Em seguida, o foco do debate é transferido para o Ensino Médio, os autores do documento elaboraram algumas reflexões sobre orientações avanços e desafios desta etapa escolar, apresenta o diálogo das propostas com os projetos político-pedagógicos e a implementação destes. O documento também discorre sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). As concepções, os avanços e desafios, os sujeitos presentes na modalidade. Não esquecendo o Projeto Político Pedagógico e o Currículo. As licenciaturas entram no debate quanto ao seu papel fundamental na formação do professor crítico e “preparado” para enfrentar, contemporizar e ampliar o debate sobre as questões raciais e as práticas discriminativas de racismo no Brasil. Versa sobre a inserção das Diretrizes nas Instituições de Ensino Superior. A Educação Quilombola foi contemplada neste documento de extremo valor, principalmente, para os negros marginalizados economicamente, pois apresenta perspectivas de mudanças quanto a educação oferecida ao grupo social. O tema relações étnico-raciais: reflexões e práticas, o campo das reflexões e o campo das ações. Por fim, o documento presenteia aos educadores com sugestões de atividades para o trabalho com a História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos níveis já especificados. Sugestões que servirão como ponto de partida para a prática escolar. Um glossário de termos e expressões anti racistas finaliza o trabalho construído durante alguns anos com o objetivo de mudar concepções teóricas etnocêntricas.

Para Florestan Fernandes (1978, p. 34), o preconceito de cor é uma categoria histórico-sociológica construída pelos brancos, e é, em larga medida, compartilhada

pelos próprios não brancos. Citado por Maria das Graças Geraldo em a Lei 10.639 e as Relações de desigualdades na educação básica: entre a teoria e prática.

A crença de o Brasil ser uma democracia racial em relação à população negra, ou seja, todos aqui convivem em perfeita harmonia e tem as mesmas condições de se desenvolverem, foi alicerçada no inconsciente dos brasileiros e marca as subjetividades, escondem e camuflam o preconceito racial existente em relação as pessoas negras.

Para Florestan Fernandes (2007, p. 52), o Brasil é um país que tem cultivado a concepção de ser uma democracia racial é uma mentira cruel.

A abolição da escravatura e a promulgação da liberdade de todos os escravos foram realizadas sem nenhum plano voltado para a reintegração das pessoas negras ao novo contexto econômico social. Marginalizados de todos os projetos sociais e entregues a própria “sorte”, coube ao negro uma única possibilidade. Desenvolver-se como cidadão de segunda classe buscando estratégias de sobrevivência no novo panorama nacional.

Os negros brasileiros marcados por valores negativos do preconceito e da discriminação, sem possibilidades de ascensão econômica e social, não conseguem construir uma identidade negra positiva de orgulho de si mesmos e silenciam. Para tanto, foram criados mecanismos sociais sutis que negam haver preconceito nas terras tropicais do hemisfério sul. E, em um contexto sócio histórico cujo ideal é ser branco, cabe ao negro afrodescendente negar suas origens africanas, modificar suas características físicas como, por exemplo: alisar os cabelos, rejeitar a naturalidade do seu modo de agir etc., assim poderá conquistar possibilidades de ser aceito em determinado grupo social.

O afrodescendente negro ao negar-se a si mesmo não consegue construir uma identidade centrada em valores positivos e fortalecer a estrutura simbólica do seu “eu”. Essa negação da cor caracteriza a rejeição de si mesmo como indivíduo e desenvolve uma diversidade de sentimentos relacionados à dor, a impotência e a morte.

O processo de negação começa a se desenvolver na mais tenra idade (fase quatro, de Erikson), na idade escolar. A criança assimila, em seu mundo simbólico, valores, crenças e padrões de comportamento estigmatizados através das relações sociais e passa a desacreditar si mesma. A sociedade que a exclui, dá a ela elementos para legitimar a visão negativa das características de matrizes africanas.

A escola é um dos lugares fundamentais para a construção da identidade do indivíduo desde a infância, sendo o espaço “que favorece o diálogo, o questionamento e a promoção de situações de discussão, a função da escola é garantir e promover o conhecimento de si mesmo, no encontro com o diferente” segundo a educadora Isabel Aparecida dos Santos (2001, p.106). Este espaço de construção da identidade não deveria se permitir ser lugar para que o desenvolvimento do preconceito e a discriminação.

Ainda, segundo Isabel, especial atenção deve ser prestada ao livro didático, pois a observação cuidadosa desse instrumento pedagógico “livro didático” revela ser um elemento reafirmador do preconceito racial: seja pelas imagens de negros sempre em condições de subserviência – escravos, pessoas humildes, empregados domésticos, etc. - que trás para elucidar alguns textos, sejam pelos textos e suas linguagens implícitas sobre a “inferioridade” do povo africano que para aqui foi trazido.

O professor devido o desconhecimento e á falha na sua formação, corrobora para que textos estereotipados e superficiais sobre a história e a cultura dos povos negros cheguem a criança e ao adolescente. Se questionado, o professor não consegue lançar luzes sobre determinadas informações nas situações diárias de aprendizagem. E por falta de conhecimento sobre o assunto até mesmo inconscientemente promove atitudes discriminatórias através de comentários entre seus pares sobre a criança ou adolescente negro.

Aparecida das Graças Geraldo (2011, p.388), em seu artigo sobre a lei 10.639 e as relações de desigualdades na educação básica, afirma que para Ferreira e Camargo.

A escola, representada por profissionais despreparados, peca pela falta de uma prática diária competente que venha contemplar a diversidade pluriétnica brasileira e colaborar para a construção de uma sociedade mais harmônica. (2011, p 388)

Cavalleiro em sua pesquisa relata atos de discriminação inconsciente dos professores “que diferenciavam os alunos baseados nas características raciais e/ou cor da pele – aquela moreninha, a menina de cor. Além de comentários pejorativos, os professores não reconheciam a discriminação e muito menos os efeitos prejudiciais do racismo”(1998, p.9).

Maria Aparecida da Silva (2001) Historiadora, em seu artigo sobre Formação de Educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial, mostra

como o racismo institucional pode ser agressivo em relação a pessoa negra ao dificultar o acesso a determinadas posições ou ao seu desenvolvimento pleno.

Cavalleiro confirma a presença do racismo institucional ao realizar

uma pesquisa em uma escola municipal de educação infantil e denunciou aspectos prejudiciais que ocorriam no cotidiano escolar. Nos espaços de convivência das crianças, não havia cartazes, fotos ou livros infantis que pudessem expressar a existência de crianças negras no ambiente social. Tais situações podem alimentar a ideia de uma suposta superioridade branca, o que contribui para o desejo, por parte das crianças negras, de pertencimento ao grupo branco, levando-as a rejeitar suas características de matriz africana. (1998, p. 9)

Para a autora, embora tais práticas não se iniciem na escola, contam com esse ambiente para alimentar a baixa autoestima das crianças negras.

O ambiente institucional ao invisibilizar a existência do negro no corpo da sociedade, agride violentamente a formação da identidade negra. A criança negra ou adolescente negro que não se vê representado socialmente fica sem modelos de representação simbólica.

Segundo Santos em “A busca de um caminho para o Brasil: a trilha do círculo vicioso”, na escola pública

as possibilidades de sucesso dos alunos negros são menores que as dos brancos. Em seu trabalho, ao relacionar o rendimento escolar às relações raciais na escola, revela que, em todas as séries do ensino fundamental, o aluno negro apresenta maiores índices de evasão e repetência quando esses são comparados aos do aluno branco, e eles se veem excluídos mais cedo do sistema de ensino, o percentual de alunos negros com atraso escolar é maior em relação ao dos alunos brancos, as frequentes interrupções, temporárias ou definitivas, geralmente ocorrem em função de os alunos negros entrarem no mercado de trabalho precocemente. (2001, p.8).

Assim sendo, a evasão escolar é o fator principal do afastamento dos alunos negros que sujeitos a condições socioeconômicas desfavoráveis, procura entrar mais cedo no mercado de trabalho, o que acaba por favorecer a reprodução das desigualdades.

Nas situações cotidianas de trabalho e educação escolar a criança e o adolescente negro são submetidos a atos de discriminação racial. Tanto em um ambiente quanto no outro, situações de interações sociais, o uso de adjetivos depreciativos associados à imagem da pessoa negra em relação às suas características fenotípicas contribuem para a baixa autoestima deste sujeito inscrito

levando-o a desqualificar as especificidades de sua negritude. Acontece nas situações mais comuns e favorece a valorização da estética de pessoas de pele branca e cabelo liso como o padrão considerado belo.

Cavalleiro analisou cuidadosamente em seu estudo – o silêncio na escola, o silêncio na família, o depoimento de sua entrevistada Lígia, quando esta declarou não conversar com família sobre as questões de racismo opressor que sentia sobre ela, por não se reconhecerem negros e sim morenos:

Na escola e nas famílias, verificou-se a predominância do silêncio nas situações que envolvem racismo, preconceito e discriminação étnicos, o que permite supor que a criança negra, desde a educação infantil, está sendo socializada para o silêncio e para a submissão. Mais grave... (...) A criança negra está sendo levada a se conformar com o lugar que lhe é atribuído: o lugar do rejeitado, o de menor valia. (1998, p.9)

Outra situação que Lígia, a entrevistada de Cavalleiro, relatou foi o sentimento de rejeição profunda que marcou sua infância. Não conseguir ser um anjo nas procissões da igreja. Mesmo levantando a mão nunca foi escolhida pela pessoa encarregada de escolher a criança para viver a personagem. Para o papel sempre as crianças brancas eram as escolhidas.

Berger e Luckmann em “A construção social da realidade”, afirma que

a criança negra e a branca já recebem valores pessoais diferenciados nas construções sociais a que são submetidas desde o processo de socialização primária . A criança branca incorpora verdades associadas a habilidades e a capacidades superiores às da negra e, esta, a de que não tem capacidade de aprender. (2002, p.6)

Para a educadora, Isabel Aparecida dos Santos (2001, p.105), como o educador não “é preparado para lidar e trabalhar com as relações do cotidiano escolar marcadas por discriminações” e questões raciais, também é sujeito constituinte e constituído pelo racismo silencioso que atravessa as gerações da sociedade brasileira. E, portanto, também, não têm consciência do tratamento diferenciado que dispensa as crianças brancas em detrimento das crianças negras.

Esse conjunto de experiências negativas, sofridas, vivenciadas na infância e na adolescência agem negativamente na construção da identidade negra. Construindo um leque de possibilidades e impossibilidades pessoais e profissionais na vida do indivíduo negro.

Na experiência coletiva, em sociedade, as identidades são construídas

através da troca entre o individual e o coletivo, desde sempre mediado por um conjunto de crenças, códigos e valores instaurados historicamente. Nesse processo, interiorizamos o que os outros nos atribuem como algo nosso. Tendemos à predicação de coisas que nos são atribuídas. Isso se dá, em princípio, de forma clara e objetiva, porém, com o passar do tempo, vai se tornando um ato implícito, sem tanta visibilidade.

Cesar Rossato e Verônica Gesser no artigo “A experiência de branquitude diante de conflitos raciais: estudo de realidades brasileiras e estadunidenses – Cavalleiro (2001, p.20), relata suas experiências e ato de discriminação sofridas na escola por parte professores e alunos. Alguns atos praticados por um colega contra outro de cor, o autor Cesar Rossato devido a sua “formação hegemonicamente influenciado pela branquitude da estrutura dominante, inicialmente teve dificuldades de entender o ato de discriminação” suas palavras

Já em São Paulo, na universidade, fiz outro amigo: Elbas, afro brasileiro, brilhante intelectualmente e um jogador de futebol de salão sem igual. Ele fazia dois cursos universitários ao mesmo tempo: Matemática, na minha universidade, e Engenharia no Mackenzie, próximo à Avenida Paulista. Eu me lembro de Elbas reclamando perturbadamente sobre experiências racistas sofridas no Mackenzie, onde, segundo ele, os alunos eram nível social elitista ou burgues. Recordo-me de ter tido dificuldades em acreditar na veracidade de sua experiência, dizendo-lhe: “Elbas, talvez você tenha entendido mal”, porém, ele estava convencido de ter sido deliberadamente atacado por causa de sua descendência racial (Cavalleiro, 2001, p.20)

Outro relato é o de Verônica Gesser sobre atos de discriminação racial de professor para aluno

Na escola do lugarejo em que eu vivia, as diferenças raciais e sociais eram reproduzidas na própria sala de aula, onde se vivia uma situação de opressão (Freire, 1970) e preconceito. Os alunos, geralmente os então chamados “caboclos”, eram discriminados pela própria professora e pelos colegas brancos. Eles eram considerados alunos “atrasados” porque com frequência apresentavam dificuldades de aprendizagem, e muito pouco ou nada era feito para ajuda-los na superação de suas dificuldades. Em contrapartida, os alunos de pele branca em geral eram considerados bons alunos – Alunos nota “A” e, por consequência, eram presenteados no final do ano letivo de acordo com o ranking de primeiro, segundo e terceiro lugar da classe. (Cavalleiro, 2001, p.19).

Atualmente, observa-se que muitas escolas ainda estão vivenciando atitudes como essas descritas por Verônica, por isso, apesar de todas as experiências de mudanças realizadas nos Projetos Políticos Pedagógicos, nos Currículos, etc. muito

a ainda por fazer. Intensificar o debate entre os pares sobre as práticas discriminatórias realizadas, e trabalhar a desconstrução dos estereótipos negativos acerca do continente africano, do seu povo, cultura, e desenvolvimento; com a comunidade escolar como um todo é essencial para minimizar ou até mesmo para eliminar as práticas discriminatórias ainda existentes no ambiente escolar sobre o elemento.

O viés de valorização e construção da identidade negra, através da realização de práticas positivas sobre a história e cultura africana e afro-brasileira em sala de aula é importante para construir novos olhares sobre a realidade desta sociedade contemporânea.

O tema, às vezes, é negligenciado por falta de domínio do conteúdo. Outras vezes é trabalhado de modo vago e superficial. E muitas das vezes quando o trabalho o tema enfatiza-se muito as culturas africanas em seus aspectos exóticos, fazendo-se referência às tradições ou aos “segredos” de sua religiosidade, diminuindo a importância da cosmogonia africana na formação dos afrodescendentes. Ainda há casos em que o tema é, infelizmente, tratado de modo reacionário e preconceituoso.

É necessário trabalhar a África histórica, pois o passado não pode e não deve ser esquecido para que não se repita, mas também é possível e interessante trabalhar uma África atual, pujante de energia, vivacidade, cores, beleza e cultura. Os professores têm a obrigação e o dever de contar novas histórias sobre o negro. Enfocar o continente africano como ponto de origem da humanidade, como ponto de início e construção do conhecimento.

A importância, portanto, do “contar histórias” para desconstruir estereótipos reacionários e preconceituosos de uma África primitiva, de pobreza, miséria e fome é fundamental. Há muitas histórias sobre uma África cheia de energia, cor e cultura que se constrói a cada instante. Assim como, a valorização e apresentação de outros modelos de cultura e ciência que permitam a construção do orgulho de pertencimento e empoderamento dos povos negros e afrodescendentes. O estudo da história e cultura africana permite um criar e recriar a história a partir de diversos olhares e diferentes pontos de vista fornecendo assim, elementos que possibilitam uma visão de mundo diferente sobre “o eu e o outro”.

Os afrodescendentes negros brasileiros sofrem com o racismo á brasileira, o chamado racismo cordial, e essa demonstração de racismo acontece no plano das

representações (de cor). Eles, na sua maioria, para sentirem aceito por esta sociedade discriminadora e atingirem um determinado objetivo, seja de ascensão social, cultural, política, etc., encontradas no “status quo” do branco, negam a raça e toda herança cultural e étnica. Entretanto, mesmo ao negarem a si mesmo e aos seus pares, tem a percepção ou não, de sua não completa realização. Essa violência simbólica do assimilacionismo brasileiro gera as “crises de identidade” e dificulta a Construção da Identidade Negra. É necessário, segundo Rossato (2001, p.32), citando Freire e Rodrigues

Repensar a raça e esta experiência branca certamente não é trabalho para ser feito num passe de mágica, mas sim mediante a conscientização crítica (Freire, 1970) de várias gerações. Rodriguez (1998) argumenta que para transformar esta situação racial de preconceito e indignação certamente demandará bastante trabalho político e muita ajuda da academia na compreensão deste fenômeno. (ROSSATO, 2001, p. 32)

É papel do educador e da escola trazer para o debate as questões de identidade, ser o mediador das discussões em sala de aula. Levar o debate para crítica sobre os mecanismos de aceitação social, cultural que ainda estão presentes no cotidiano do brasileiro. Posicionamentos discutidos nas salas de aula, aceitos ou não, contribuirão positivamente para a construção de identidade negra, pois chama as questões da negritude para o campo da visibilidade.

Para Stuart Hall, as questões da formação da identidade e da subjetividade acontecem na interação entre o eu e a sociedade. Ou seja, eu e “outro”, eu e o “diferente”. Hall considera que as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela (2000, p.112)

É importante o trabalho com as diferenças entre as raças e que, sejam vistos e debatidos como a complementação de um para com o outro. Um conhecimento complementa o outro em importância. Ou seja, mostrar que a cultura, o conhecimento, as tradições, etc., africanos em contato com outros formaram um terceiro mais completo. Mostrar a importância destes conhecimentos do passado africano, no panteão dos descobrimentos e da formação de novas culturas e sociedades. Posicionamentos positivos sobre África, inclusos no debate sobre novos modelos de sociedade fortalecerão no imaginário do negro a sua imagem e a sua importância.

Silva (1995, p.37), com relação à construção da identidade afirma que:

[...] na construção da identidade, é necessária a preservação da memória coletiva dos vários grupos. A memória coletiva daqueles, cuja cultura não é dominante, será o agente catalisador da afirmação da identidade étnica. A busca desta identidade implica o cultivo das tradições culturais do grupo dominado e a releitura de sua história. A religião, os mitos, as lendas, a ideologia serão necessários a este processo de identificação cultural. Em sociedades multi-raciais, o impedimento destas manifestações inferioriza o grupo dominado, criando-lhe um distúrbio de identidade. (1995, p.37)

Ao desenvolver durante a formação da criança e do jovem afrodescendente, atividades que mostrem e valorizem a cultura dos antepassados africanos, o professor e a escola proporcionarão a estas crianças e jovens a releitura da história dos seus antepassados e por assim dizer, da sua história. Em paralelo, o sentimento de orgulho e de pertencimento.

Para que, o debate, as reflexões possam contribuir positivamente na formação da identidade, e da valorização do negro, é necessário que o mediador (o professor) tenha ou adquira conhecimento sobre a riqueza material e cultural da África pré-colonial. Assim, preconceitos instituídos na sua formação possam ser eliminados. O professor e a escola, não podem e não devem impor a sua concepção particular de história, de religião e de mundo. Seu papel é atuar criticamente e eticamente mediando a construção do conhecimento. Silva Filho discute por que a formação do professor é importante para o debate sobre África:

Os professores devem dominar esse conhecimento para desmistificá-lo e chamar a atenção dos alunos para essa questão, mostrando que ela interfere na composição da identidade, da representação coletiva e da auto-estima dos afro-brasileiros. (2006, p.114)

Cavalleiro (2006) ao abordar a condição da criança negra na escola nos seus estudos constatou que:

A escola, [...], representa um espaço que não pertence, de fato, à criança negra, pois não há sequer um indício de sua inclusão, exceto a sua presença física. Ali ela é destituída de seus desejos e necessidades específicos: reconhecimento da sua existência e aceitação como indivíduo negro, provimento de alternativas que lhes possibilitem um sonhar com futuro digno (CAVALLEIRO, 2006, p. 100)

A criança e o adolescente negro, que não tem representatividade no campo simbólico, que não vê modelos expostos, discutidos ou debatidos no seu espaço de construção de conhecimento. Não se vê representado. Não se inclui, silencia.

Assim, urge que mudanças metodológicas aconteçam. Que os espaços escolares e da sala de aula tenham o negro representado em todos os níveis sociais. Que a atenção desta criança e deste adolescente seja também, chamada para os grandes representantes negros no campo da política, da cultura, da arte, das ciências.

A falta de representatividade, a invisibilização do negro desenvolve na criança a percepção sobre o preconceito e a discriminação racial, Cavalleiro (2006:98) afirma que: “Essa percepção compele a criança negra à vergonha de ser quem é, pois isso lhe confere participar de um grupo inferiorizado dentro da escola, o que pode minar a sua identidade”. Nesse sentido “a consciência racial se for apreendida negativamente pode interferir na construção da identidade daqueles que sofrem com o preconceito e a discriminação racial no seu espaço social”.

O adolescente e a criança negra deve encontrar na escola um espaço facilitador que possibilite o seu encontro com imagens e referências identitárias positivas. O professor deve estar atento ao que se oferece como material para os alunos. Quais modelos de vida e de beleza que as imagens representam é uma tarefa diária de planejamento de aula. É preciso ter o propósito firme de democratizar a imagem e os exemplos positivos e reais da presença da população negra e mestiça na história e no nosso cotidiano. É preciso contar novas histórias com visão crítica e ética.

Em conferencia, realizada na Technology Entertainment and Design (TED) em 2009, a escritora e autora premiada de três livros sobre questões étnicas, de gênero e de identidade, Chimamanda Adichie, nigeriana, nascida em Enugu, discursa sobre construção cultural e distorção de identidades e aponta as consequências do que chamou de “O perigo de uma única história”

...é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro". Como nossos mundos econômicos e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você

quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com "em segundo lugar".

Que o professor se transvista de “Griot”, um contador de historia, de novas histórias, que permita que outras percepções das várias histórias espalhem-se pela sala de aula, acerca da historia e cultura africana.

Falar de cultura subtende um universo amplo de tradições, conhecimentos e vivências que alicerça uma sociedade. Para Nilma Lino Gomes, em “Cultura Negra e Educação” o vocábulo “cultura” vai além do conceito acadêmico. Segundo Gomes (2003), Cultura diz respeito

às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social.(2003, p.3)

Muito se tem escrito sobre os africanos e descendentes africanos no Brasil e suas culturas, tradições e modo de ver a vida. Entre os muitos escritos a autora Regina Claro, em “Olhar a África” nos apresenta dois pensadores da “Corrente da Superioridade Africana” 1950-1980, Joseph Ki-Zerbo e Cheikh Ana Diop (2012) que se preocuparam através de pesquisas em mostrar a África histórica e origem do conhecimento, partindo das histórias dos reinos e as diversas sociedades passando pelas formas de organizações, transformações e produções africanas, técnicas de cultivo, padrões de estética da arte estatutária, etc. Estudos que resultaram na Coletânea intitulada História Geral da África (oito volumes) publicados pela UNESCO, disponível em Língua Portuguesa pelo MEC para todos que se interessarem pelo assunto; Outro pesquisador é o Ki- Zerbo que apresenta seus estudos “A História da África Negra” com enfoque na Historia da África subsaariana; Também, o pesquisador Muryatan Santana Barbosa (2012), cuja tese de doutorado faz o enfoque e o debate sobre a coletânea História Geral da África da UNESCO; Outro importante documento é Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais” do MEC/SECARC, 2006.

Entre outros autores (poetas e escritores) afrodescendentes brasileiros, entre eles: Solano Trindade, Cuti, Candiero etc. Há, também, escritores africanos que escrevem em língua portuguesa como, por exemplo: Ondijak, Luís Bernardo Honwana, Noêmia de Souza, Mia Couto e muitos outros. O professor Eduardo de Assis Duarte e Maria Nazareth Soares Fonseca, ambos, da Universidade Federal de

Minas Gerais- UFMG organizaram e lançaram recentemente, a coletânea Literatura e Afro-Brasileira, 100 autores do século XVIII ao XXI (2014), e Literatura afro-brasileira: abordagens em sala de aula (2014). O Centro Cultural Humaitá, (Centro de Estudo e Pesquisa da Arte e Cultura Afro-brasileira), Curitiba, Paraná, desde outubro de 2007, realiza um trabalho de resgate e reconstrução da imagem do legado afro no imaginário social da sociedade paranaense. Além dos informativos e revistas (Curitiba afro), criou o Prêmio Orirerê – Cabeças Iluminadas - que traz projetos para aplicação da Lei 10.639/03 e 11.645/08 nas escolas. Tanto este como aquele comporta materiais riquíssimos para o trabalho do professor em sala de aula, trabalho esse que pode auxiliar em muito na elevação da autoestima dos alunos negros e afrodescendentes, condição esta imprescindível para a construção do sentimento de pertença e de uma identidade negra empoderada.

Estes materiais são fontes riquíssimas para o desenvolvimento do trabalho docente com alunos negros e afrodescendentes, pois auxiliarão na construção da identidade e do sentimento de pertença desta parcela da população brasileira, através da elevação da autoestima.

Apresentação de modelos positivos, à criança negra satisfaz sua necessidade de se ver no outro e assim ao construir sua identidade, se aceita como sujeito, terá orgulho de si e de suas características físicas, biológicas e intelectuais -. psicologia psicossocial de Erik Erikson e as primeiras fases de desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.- na sua fase de desenvolvimento.

Inicialmente a criança/adolescente desenvolverá o sentimento de aceitação a partir do seu grupo familiar. Na atualidade, devido à necessidade de ambos os pais, ou mãe, de se inserir no mercado de trabalho, a criança é colocada em creches e pré escola e sucessivamente até e além das séries iniciais, entrando em contato com o ambiente social diferente do familiar. A partir da sua inserção nestes ambientes sociais, ela escreverá sua história de vida, individual ou coletiva. As influências as quais estará exposta traduzirão para si qual o papel social que terá ou deverá executar ou desenvolver. Assim, a formação da autoestima se dará a partir dos modelos apresentados.

O papel da escola nestes períodos de vida escolar é de fundamental importância para a formação desse sujeito. Cabe ao professor ser o elemento de ligação entre o sujeito e a escola. Compreender que somos sujeitos diferentes na igualdade de sermos humanos. Compreender que a criança ou adolescente na sua

“individualidade pertence a culturas coletivas diferentes”. Respeitar e compreender que essas diferenças são essenciais para a formação da autoestima e a construção da identidade.

É papel do professor, estimular o desenvolvimento dos alunos em seus aspectos emocionais, cognitivos, físicos e culturais. Eliminando preconceitos e estereótipos através da valorização e da história de cada um. E acima de tudo compreender que cada aluno tem o seu momento de aprender e a cada vez que for respeitado, motivado e valorizado em sua bagagem cultural, sua autoestima crescerá levando-o ao sentimento de pertença no mundo em que vive.

A intenção deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é apresentar alguns caminhos que possam contribuir para o desenvolvimento do tema: A Construção da Identidade Negra nas salas de aula e atender as exigências da Lei 10.639. E chamar a atenção para os relacionamentos sociais, experiências e vivências que influenciam na formação da identidade do afrodescendente e do negro brasileiro nas instituições educacionais brasileiras.

9. CONSTRUINDO A PRÁTICA EM AULA DE AULA

No contexto histórico político econômico atual, muitas famílias brasileiras optam em deixar suas crianças e muitas vezes delegam a educação destas ao educador/professor das creches e escolas, em virtude de ausentar-se para prover os recursos de manutenção da família. Esta situação retrata um novo momento no desenvolvimento da sociedade em que valores, conceitos e estereótipos serão discutidos e transmitidos por um grupo social maior do que o familiar. O educador/professor deve se preparar para desconstruir e construir conceitos que possam contribuir para formar cidadãos e uma sociedade mais justa, igualitária e equitativa.

A creche e a escola são os ambientes nos quais as crianças vão trocar vivências, experiências e criar conhecimentos durante o seu desenvolvimento como ser humano e cabe ao professor ser o elemento de ligação entre este sujeito e a escola.

Von Zuben (1994, p.10), em seu artigo “Sala de Aula: Da angústia de labirinto à fundação da liberdade, afirma que a sala de aula não é o espaço físico e sim, o

espaço imaginário onde se dá a luta entre ideias e conceitos que contribua para a formação do conhecimento, afirma que

“O ser humano tem a necessidade primária de buscar o novo, a liberdade de ser. E é neste “espaço de ação” que a fala dialógica, as ideias sobre fatos, coisas e pessoas se formam e desenvolvem mais intensamente. Este momento cheio de rupturas, vivo e dinâmico do indivíduo apresenta-se imerso de possibilidades e de construção de horizontes de expectativas no tecer da sua história social. E neste contexto, ainda, que se dá o começo da ação política pela qual se instaura a confirmação do eu pelo outro e deste por aquele, em suma: o diálogo (1994, p.10)

Para o autor o espaço da sala de aula é o lugar de “evocação e provocação, o evento”. É nesse espaço que o ser humano se constrói através da “palavra e das interações sociais. E neste entrecruzar de opiniões e ideias de um sujeito com o seu outro, o ser humano aprende. Assim, o ser humano frente ao novo faz novas leituras “se transforma, se humaniza através das trocas, das interações e da literatura” (Cândido, 1972, p.806)

É nesse espaço novo que devem ser apresentadas, discutidas as questões sobre individualidade e diversidade, onde cada um é cada um. O espaço onde a construção de conceitos e conhecimentos apresente os indivíduos em processo de desenvolvimento nas suas diferenças e singularidades. Neste momento, cabe ao mediador apresentar novos modelos de cultura e compará-los igualmente em valores e importância.

O educador/professor ao trabalhar com crianças menores (creches) através da contação de histórias acompanhada da apresentação dos heróis, reis, rainhas, fadas, reinos das diversas culturas existentes: africanas, indígenas, asiáticas etc. qualificados como fortes, belos, bons, inteligentes, amados, respeitados. Tudo que possa trabalhar o imaginário da criança, despertando nela o desejo de ser como o personagem da história. No mercado já existem materiais excelentes que podem dar conta destes momentos com o trabalho com as crianças das creches e do ensino fundamental. Como exemplo, citamos: História e Cultura Africana e Afro brasileira, Unesco, foi disponibilizado para quem quiser na rede virtual; Meus contos africanos, seleção Nelson Mandela da editora Martins fontes; Princesas Africanas – Projeto Leia Brasil, da Petrobras, Leituras compartilhadas fascículo 19, março 2009. www.leiabrasil.or.br apresenta além das histórias, atividades de como trabalhar com os pequenos. Também foi disponibilizado ao público no referido site histórias

africanas lindas que trabalham os valores e a beleza física e interior dos personagens que certamente muito contribuirão para a formação da identidade negra. Há ainda, O diário de Dandara de Cláudia Lins e Elis Lopes; Adorável menina de Mauricio Pestana, Coleção Mãe África, do baú de ideias; Luana a menina que viu o Brasil neném de Aroldo Macedo e Oswaldo Faustino FTD; Outros contos africanos para crianças brasileiras de Rogério Andrade Barbosa; Africanidades, Jogos e brincadeiras “O chamado de Sosu” de Meshack Asare; Lendas da África de Júlio Emílio Braz da editora Bertrand Brasil; O Menino Marron de Zivaldo entre outros. O portal geledés www.geledes.org.br/dicas-de-livros-infantis para celebrar -cultura-afro-brasileira também trás muitas dicas de livros infantis para o trabalho com a cultura afro-brasileira. Não podemos esquecer da doutora em educação e escritora, Kiusam de Oliveira com o livro OMO-OBÁ, histórias de princesas da Maza, Edições, entre outros. A escritora é engajada na militância negra por uma sociedade mais justa, igualitária e equitativa, procura mostrar nas suas histórias, sua afro descendência, a valorização da beleza negra e da corporeidade afro-brasileira através de histórias fantásticas que levam ao empoderamento das identidades negras.

O professor ao mediar o conhecimento que a criança trás como bagagem familiar, com o conhecimento que a escola tem a obrigação de construir e desenvolver para formar o cidadão, deve por postura ética procurar respeitar a diversidade racial e cultural que o aluno carrega consigo. É importante e imprescindível desenvolver o trabalho com histórias infantis que não sejam reducionistas e excludentes da diversidade negra da população brasileira. A construção de um novo imaginário coletivo considera que os “atos imaginativos antecedem mudanças em nossas atitudes e ações”. (1996, p.172) As vivências e experiências positivas da infância enraízam as lembranças passadas e contribuem para a construção da autoestima e aceitação das diferenças, segundo Ronilda Ribeiro (1996, p.172).

O trabalho desenvolvido em sala de aula, com apresentação de imagens positivas das diferenças raciais que compõem e enriquecem a cultura brasileira permitirá a “construção de fronteiras múltiplas, não apenas para ações internas” (Abdala 2006 p.19), como também para as ações externas nas comunidades de pertencimento e na construção da identidade negra, fortalecendo e permitindo que o conhecimento particular não seja subjugado e esquecido, e substituído pelo prisma globalizador de uma cultura hegemônica na qual, o igual é valorizado e valorado.

A cultura tem na literatura e nas artes seus representantes lúdicos e alicerçantes da história de um povo, é elaborada socialmente e internalizada desde o nascimento, inserindo o indivíduo como membro de um grupo social, assim como a cor da pele. Portanto, a falta de apresentação de modelos positivos das culturas indígenas, asiáticas e principalmente negras impede que a estrutura simbólica destes indivíduos tenha referências nas quais possam se fortalecer, gerando assim a confusão na construção da identidade. As imagens de heróis políticos, de lutas e resistências a favor da liberdade, autonomia e direito de um grupo étnico e uma nação devem fazer parte das discussões cotidianas do aprendizado e assim contribuir para a formação de conceitos e valores do grupo em questão. Dois bons exemplos para trabalhar a questão da imagem negra são, entre outros, os filmes “Quilombo” de Carlos Diegues, Atlântico Negro- Na rota dos orixás de Renato Barbieri. O primeiro além de apresentar o Quilombo dos Palmares como uma organização política de luta pela liberdade tem como heróis negros, ícones como Zumbi e Dandara. O filme, além do contexto histórico da luta pela libertação, apresenta questões culturais e a religiosidade africana ao mostrar a intervenção de Xangô, o Deus da Guerra na escolha do sucessor de Acotirene, o Ganga Zumba. Acotirene é apresentada como uma Yalorixá que governa um território sobre a intervenção dos deuses africanos. Além do enfoque político e da traição e envenenamento de Ganga Zumba, o enfoque religioso permitem que muitas reflexões sejam feitas sobre a Cosmogonia africana. E, como essa cosmogonia resulta na criação do candomblé e na umbanda em território brasileiro. A desconstrução da demonização dos orixás feita pelo catolicismo é muito importante para a formação da espiritualidade negra.

Não podemos deixar de enfatizar que o mediador/professor/educador tem que ter isto bem claro, e posições bem definidas para a desconstrução deste estigma colocado sobre e na religiosidade africana. O mediador estará tratando com adolescentes e pré-adolescentes que devido ao assimilacionismo da cultura cristã europeizada, alguns poderão ter opiniões bem fortes sobre o tema. Entretanto, se utilizarem o filme como objeto de reflexão sobre a resistência e luta do negro pela liberdade perceberão o quão riquíssimo é este material para e na construção simbólica da identidade negra.

O segundo filme, Atlântico Negro – Na rota dos orixás trás questões como: a ancestralidade, o esquecimento das origens, a religiosidade africana, os valores, etc.

O livro *Negritude, cinema e educação* organizado por Edileuza Penha de Souza, volume 1, da editora Maza, trás uma coletânea de artigos de vários autores comentando filmes de cineastas negros com foco na questão étnico-racial é um excelente material didático para o mediador utilizar na sala de aula cuja intenção seja trabalhar a auto estima dos alunos negros e afrodescendentes.

A diversidade histórica e cultural do povo brasileiro, suas cores e suas nuances permite que teias sejam tecidas através de discussões, debates e reflexões no estudo da história e cultura afro-brasileira e africana com objetivo de eliminar as leituras de diferentes e exóticos sobre os biótipos brasileiros e africanos. Novas histórias deverão ser contadas e sobre os mais variados prismas num constante criar e recriar de diferentes pontos de vistas fornecendo assim elementos que possibilitam uma visão diferente sobre “o eu e o outro”. Assim, o pensar criticamente, sem enfoque no território de raça, nacionalidade e gênero amplia as margens de “conhecimento da mistura étnica sociocultural, dessa imensa pluralidade que envolve o Estado Brasileiro”(Abdala, 2006, p 18).

O mediador deve ter consciência dos jogos de poder instaurados na estrutura educacional e estar atento para as redes de relacionamentos que são tecidas à todo momento, no ambiente escolar por seus pares, assim como, por seus alunos. E ao perceber através das expressões verbais das chamadas “brincadeiras” utilizadas para rotular as crianças negras ou afrodescendentes fazer a devida interferência de forma a não constranger o jovem agredido. “As expressões que causam desconforto nas personagens da vida real e ao serem discutidas devem ser transformadas em estado de desconforto para todos. As palavras não são neutras, são carregadas de significados implícitos”. (OLIVEIRA. 2005, p12).

Expressões como: *a coisa vai ficar preta pro seu lado; samba-do-crioulo-doido; nega da macumba; negro de alma branca; rainha da cocada preta; cabelo de Bombril; negra maluca;* (OLIVEIRA. 2005, p.15 a 17) são termos relacionados às mais intimas e importantes dimensões do ser humano – o corpo, o intelecto e o espírito. Ferem, machucam e são capazes de fazer a pessoa renegar a si mesma, sentindo-se feia, burra, maluca, fora dos padrões e conseqüentemente desejar ser outra pessoa, aquela que é aceita, elogiada, e amada. Os jogos são instrumentos de aprendizagem importantes e fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, entretanto podem ser utilizados de forma perversa para descaracterizar as crianças consideradas diferentes por isso devem ser observados com cuidado. A

criança pré-adolescente/adolescente cuja autoestima está em baixa aceita a brincadeira e, ou se recolhe e não participa de nada mais ou reage agressivamente partindo para agressão física. É necessário discutir, refletir e trabalhar para eliminar tais expressões do nosso vocabulário e só será possível, no momento que nos habituarmos a mostrar os diversos modelos de beleza espirituais, intelectuais e físicas e como eles (os modelos) contribuem para melhorar a humanidade, a sociedade. Desconstruir os estereótipos marcados pela linguagem é necessário, pois a linguagem influencia a formação do pensamento humano e reflete o modo de ver o mundo.

Com o objetivo de trabalhar para desconstruir estereótipos ligados ao uso da linguagem, uma sugestão de experiência que poderá ser desenvolvida neste sentido, é trabalhar com pesquisas sobre os modelos de beleza das diversas etnias mundiais, assim como imagens dos grandes cientistas, historiadores, escritores, juristas, médicos, pesquisadores negros etc. nos planos científicos, históricos, religiosos, físicos e as contribuições que fizeram no presente e no passado para a evolução das sociedades ocidentais, orientais e africanas. Tais pesquisas podem ser apresentadas pelos alunos, oralmente, durante o ano letivo.

O mediador como introdução para o tema das diversidades poderá começar mostrando a diversidade da fauna e da flora. Chamar a atenção para a harmoniosa combinação e do fato de uma precisar da outra para sobreviver e se perpetuar no ambiente, introduzir a diversidade humana presente no planeta e as adaptações que estes seres tiveram que fazer para se adequarem ao clima, ao solo e as modificações próprias do ambiente. Necessárias a sua sobrevivência e a sua evolução. E como cada ser humano conta sua história e fala de suas conquistas.

A criança negra ao se vê representada como um dos elementos fundantes desta história certamente se orgulhará do que é e de sua identidade negra.

As disciplinas de história, arte e literatura são fundamentais para o trabalho de formação de consciência negra. O mediador / professor pode retomar o termo África, e através de questionamentos identificar o conceito internalizado através do relato espontâneo do aluno. Uma forma de reconhecer o tema é a exibição de vídeos como: “A África que nunca vimos ou que ninguém nos mostra” (disponível na internet, no youtube) e “África. Outro olhar” (Santos, 2015). Estes vídeos e alguns outros tem o propósito de mostrar uma África diferente, com diferentes tradições, costumes, tradições, faunas e flora exuberantes, lagos, rios, cachoeiras etc. Ao final

da exibição dos vídeos, fazer o levantamento dos comentários. Retomar o enfoque na diversidade da fauna e da flora; os muitos povos africanos e suas etnias. Pesquisar sobre os povos negros do Egito, os reinos antigos, os reis negros de Kust, as primeiras formações e aglomerações em forma de cidade no mundo desenvolvido (a cidade de Kush), as riquezas passadas e contemporâneas do continente africano, as descobertas científicas do século XXI, sobre a origem do homem neste antigo continente e sua evolução, as lutas por expansão territoriais, as resistências dos povos negros, as cidades em desenvolvimento e sua reconstrução após o período de colonização europeia na África do século XXI. Chamar a atenção para o modo como a história foi e é contada, e o porquê desde ponto de vista do dominador europeu. Levar os jovens a formular uma visão mais crítica dessa realidade. Em seguida apresentar para apreciação o vídeo da Chimamanda Adichie, “o perigo de uma única história”, (disponível no youtube). Procurar descobrir se os alunos entenderam a mensagem do vídeo através de questionamentos, enfatizar a importância de se escutar outros pontos de vista sobre um mesmo assunto para formar uma opinião mais concreta, mais real.

Enfim, a ideia é trabalhar a construção do pertencimento, elevar a autoestima e construir o conhecimento. O professor deve procurar mostrar imagens positivas sobre os negros, os afrodescendentes e sobre a história do continente africano antes da colonização, o desenvolvimento econômico pós período de colonização. Aproveitar o momento para uma conversa informal sobre o período de colonização europeia no continente africano, os motivos econômicos, políticos e as sequelas que ficaram após o processo de independência na maioria dos 54 países africanos etc.. A ideia é chamar a atenção para a resistência do povo africano ao novo modelo cultural imposto e aos meios elaborados para não se esquecerem das suas tradições e costumes.

A música e a literatura negra africana e afro-brasileira são outros elementos fundamentais para o trabalho com o conhecimento e a autoestima da criança negra. Através da música, da poesia e das narrativas africanas e afro brasileiras descortina-se as tradições, os costumes, as histórias dos afro descendentes e negros afro brasileiros e a importância da saga africana na formação da sociedade brasileira.

Segundo, Paul Gilroy, em *O Atlântico Negro*,

“O contar e o recontar dessas histórias desempenha um papel especial,

organizando socialmente a consciência do grupo “racial” e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa – as diferentes práticas, cognitivas, habituais e performativas, necessárias para inventar, manter e renovar a identidade”.(Gilroy,1993, p 370).

A música e a dança afro-brasileira e suas variantes podem e devem fazer parte de ricas discussões sobre a musicalidade dos povos negros e do negro afrodescendente brasileiro. Pesquisas sobre o samba, o baião, sobre o rap e a influência nos comportamentos dos jovens negros que procuram construir uma identidade negra a partir destes ritmos.

É importante que um roteiro sobre africanidades até chegar a literatura afro-brasileira e como sugestão, iniciar com o poema “Sou Negro a Dione Silva” de Solano Trindade, fazer a apresentação do poeta através de imagens e comentários sobre a obra. Chamar a atenção em relação (à semântica) para a postura crítica do poeta Solano Trindade e a mensagem implícita no poema “Sou Negro”. Neste poema o poeta assume sua identidade negra, se orgulha e diz o porquê deste orgulho ao falar dos avós, ancestrais africanos, da valentia, das lutas, e da cultura que trouxe com eles, da pele queimada do sol africano. O autor angolano Ondijak, na coletânea “Os da minha rua”, (2007) – o conto “Ida ao Nanibe”. É um conto juvenil, sobre as lembranças da infância e seu amor de pré-adolescente. É uma leitura leve e agradável onde ficamos conhecendo algumas palavras do vocabulário africano. Apresentar o autor, onde vive, que é, etc., esclarecer os sentidos dos vocábulos africanos a partir da narrativa (do contexto). Sempre oportunizando e respeitando o relato dos alunos sobre a narrativa lida, assim o aluno sentirá que tem contribuições a dar no momento da aula. Sugerir a comparação dos textos literários. O poema de Solano Trindade “Sou negro” e o conto a “Ida ao Nanibe” de Ondijak. Os contos de Ondijak apresentam em sua narrativa lembranças de costumes, tradições festas, e referências a estações do ano, como o inverno (no continente africano, alguns lugares são frios). Outro texto de Ondijak, (2007) “O homem mais magro de Loanda” também da mesma coletânea. Sempre apresentar os autores dos textos, realizar o trabalho de leitura, debate e reflexão sobre a linguagem, o cotidiano dos personagens e o ambiente retratado.

Na pintura, chamar para a leitura visual, a arte do mineiro, Aleijadinho; Emanuel Araújo; no Paraná João Pedro e a pintura “Carnaval nos arcos” de Heitor

dos Prazeres. Apresentar o pintor, escritor, músico e sambista. A pintura de Heitor dos Prazeres trata do mesmo tema que o conto de Ondijak da mesma coletânea, “O último carnaval da Vitória”. O conto apresenta em sua narrativa lembranças de costumes, tradições festas, e referências ao início da presença de soldados estrangeiros em Angola.

Os textos citados conversam com o universo que o aluno traz, sua vivência, sua história de vida. Informações diferentes das já conhecidas pelos jovens são profícuas, e a curiosidade da maioria dos jovens é ampliada. Essa curiosidade gera uma necessidade de saber mais sobre a cultura africana e afro-brasileira.

Poetas negros e afrodescendentes brasileiros e africanos devem ser apresentados para o aluno, por exemplo: Sérgio Vaz, poeta engajado na defesa das causas raciais e um dos seus poemas “Magia Negra” (2013, p 44), um belo poema que fala das belezas negras na música, nas artes em geral. Outro poeta, é o Candiero, zelador cultural e Presidente do Centro Cultural Humaitá, no Paraná e dois de seus poemas, “Gameleira Branca” (2013, p 21) e “Batuques e Fandangos” (2013, p 20). Poemas que tratam das tradições afro-brasileiras.

Contos complexos, como por exemplo, o conto “Bola com Feitiço”, do autor angolano, Uanhenga Xitu, nome Kinbundo do africano de Agostinho André Mendes de Carvalho. O pequeno livro tem dois contos maravilhosos: o primeiro “mestre Tamoda” que trata da necessidade da ascensão social e da identidade do personagem principal e o segundo, conto “Bola com Feitiço” que apresenta um olhar bem particular sobre as transformações ocorridas interior de Angola e as questões lusofônicas da colonização. O conto desperta muitas curiosidades na maioria dos alunos por que trata do fantástico, da magia, das crenças e tradições africanas e afro-brasileiras, além de ser divertido acompanhar o relato de um jogo entre dois times que fizeram uso da “magia” para vencer a partida de futebol. Observa-se a divisão entre os que aceitam os usos dos feitiços e os que não aceitam é uma narração bem humorada, de uma grande confusão que vai envolvendo todos os participantes do jogo. Este é um conto mais complexo que necessita de amadurecimento para se posicionar diante do texto de forma consciente e crítica, aceitando ou refutando a ideia implícita no texto e, o que é mais importante, ficando aberto para outras leituras. A contextualização poética (apresenta como narrador, o griot - contador de histórias- que conta a partida de futebol e os artifícios criados pelos personagens para vencer a partida), histórica (1974 período em que o poeta

da Geração 70, a Geração do Silêncio, começou a contar a história de Angola, a partir das divergências civis após a Independência angolana), a crítica, (a situação de conflito entre os angolanos após a independência, o que faz com que atrase o desenvolvimento de Angola), temática (a obediência ao tema, falar sobre os valores culturais do povo angolano) e teórica. Tais observações devem ser feitas pelo (a) mediador(a) no momento do debate sobre a leitura realizada.

A contextualização poética, mítica, histórica, teórica, temática e crítica realizada pelo professor nesta etapa deve permear todo processo de discussão e debates no trabalho com os alunos em sala de aula.

O mediador/professor poderá contribuir ainda mais com a construção de identidade negra do seu aluno convidando palestrantes para debater sobre a cultura africana e afro-brasileira, sobre a Lei 10.639/03, racismo e discriminação racial. Trabalhar o Estatuto da Igualdade Racial através de palestras com representantes dos movimentos negros, poetas, escritores etc.

Para realizar a atividade de entrevista, desafie os alunos a elaborarem, juntamente com o(a) professor(a) mediador(a), o convite, enviem aos palestrantes. Produzirem o roteiro das entrevistas, debaterem o tema da entrevista e das palestras. Proporcionar uma liberdade dirigida aos alunos para a realização das atividades.

O professor deve coordenar o processo, mas deixar que os alunos realizem todas as ações necessárias para a realização das palestras. Uma agitação incrível acontecerá durante as aulas, pois este é o momento do “evento” segundo Zuben (1994, p.10).

Ao demonstrar interesse em saber das histórias dos seus antepassados, sua cultura, tradições e costumes, as crianças e jovens entram em contato com modelos positivos e que aos poucos vai construindo o orgulho de pertencimento do aluno, a medida que o mesmo se vê retratado, e do quanto ele é capaz de realizar, desenvolvem o sentimento de pertencimento e orgulho da própria história. Assim a construção de identidade negra se dará de forma concreta e completa.

Os textos sugeridos são obras que abordam temas interessantes e que podem trazer para a sala de aula uma discussão calorosa sobre valores e princípios. Requer-se, então, um cuidado especial, pois o professor deve ter bem definido quais valores pretende discutir, e o aluno, por sua vez, deve compreender a importância de uma leitura reflexiva para o seu crescimento como pessoa humana. Cândido

afirma ser “a literatura um fator indispensável de humanização”:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida [...] (CÂNDIDO, 1995, p. 810)

A cultura africana e afro-brasileira e acima de tudo posturas positivas sobre a raça negra mostrará que procurar caminhos alternativos para a formação do sujeito crítico, orgulhoso de sua identidade negra, consciente do seu papel de cidadão e principalmente da sua humanidade promoverá mudanças necessárias para uma sociedade mais justa, igualitária e equitativa, na qual o respeito pelas diferenças seja o valor subjetivo e imaterial mais importante.

Portanto, cabe a todos e principalmente aos professores, procurarem por caminhos que possibilitem modificar a visão ligeira e superficial que a contemporaneidade do século XXI, está proporcionando à sociedade em geral e muito particularmente aos jovens sobre a História e Cultura Africana e Afro-brasileira.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças esperadas, e os resultados observados e retratados na concretização de um novo olhar para o “outro”, são mudanças de atitudes no tratamento com e para este outro, mostra que é possível trabalhar com os jovens contemporâneos, utilizando a arte, a música e a literatura como instrumento para formar seres humanos mais sensíveis nas suas relações sociais, mais humanos, e conseqüentemente mais completos. O homem como um ser social que é, precisa do embate entre ideias e não do embate entre pessoas, para se construir e construir uma sociedade mais tolerante. A cultura e artes e especificamente a literatura em sua plenitude traz para o leitor um mundo, no qual os personagens podem compartilhar sentimentos, atitudes, posturas vivenciadas nas quais nos retratamos, traduzindo nossas expectativas diante da própria realidade. E neste embate dá-se a reflexão e a criação de novas posturas diante da realidade, e a humanização ao perceber no diferente seu igual. A valorização de outra (s) cultura (s) possibilitará a criação de novos olhares e o orgulho de pertencimento de uma etnia (raça)

Como sociedade, não se deve ficar à margem do rio, observando. É

necessário buscar soluções, sejam elas simples ou complexas. Ir além e através do debate e das reflexões com os pares, pensar possibilidades, criar pequenas trilhas que possam ser alargadas pelos caminhantes para desconstruir preconceitos e discriminações ainda “fortes e latentes” em grande parte da população brasileira em relação aos negros e afrodescendentes brasileiros.

É importante, que o professor, reconheça a presença de atos de desvalorização da história e cultura negra, nas escolas, nos meios sociais, nas “brincadeiras” das crianças e dos jovens e adultos, e intervenha para a desconstrução de tais atitudes através de ações concretas mostrando uma outra história – História e Cultura dos povos negros e seus descendentes - desconhecida da maioria da população. E assim participar positivamente da construção da identidade negra de crianças e jovens negros e afrodescendentes na escola pública. Respeitando o direito de cada criança, homem e mulher negro/a ou afrodescendente em saber a sua história, a nossa história, a história das descendências africanas e afro-brasileiras e assim construir uma identidade mais forte, através da conscientização e reconhecimento sobre a sua importância e sobre a importância do povo africano na formação cultural brasileira. E por fim, contribuir para a implementação da Lei 10.639/03.

REFERÊNCIAS

ABDALA Jr., B. **A literatura, a diferença e a condição intelectual**. Revista Brasileira de Literatura Comparada, nº8, p19-39, 2006.

ADICHIE. C. **O perigo de uma única história**. Disponível em: http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html. Acesso em: 09/04/2013

BARBOSA, Muryatam Santana. **A África por ela mesma**. Biblioteca Digital de Tese www.teses.usp.br/teses/.../2012_MuryatanSantanaBarbosa_VCorr.pdf

Berger, P. L., & Luckmann, T. (2002). **A construção social da realidade** (22a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes

BRASIL. **Projeto de Lei n.º 259, de 11 de março de 1999**. Dispõe sobre a obrigatoriedade da inclusão, no currículo oficial da Rede de Ensino, da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" e dá outras providências. Diário da Câmara dos Deputados, Brasília, DF, 20 mar. 1999, p. 10942. Disponível em (<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1522>)

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm)

BRASIL. **Mensagem n.º 7, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003b, p. 01. (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/Mensagem_Veto/2003/Mv07-03.htm)

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996a. p. 27894.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação** São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**; racismo, preconceito e discriminação na educação infantil; 5. ed - São Paulo: Contexto, 2006.

CLARO, Regina. **Olhar a África**. Fontes visuais para sala de aula. São Paulo. 1ª Ed. 2012. Editora Hedra.

CÂNDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura. São Paulo: v.4, n.9, p.803-809. Set. 1972. Apud PARANÁ, Diretrizes Curriculares da Educação Básica. Curitiba: SEED, p. 57, 2008.

CANDIERO, Zelador Cultural. **Revista Curitiba Afro**. Curitiba. Paraná. Novembro p 20 e 21, 2013.

DUARTE, Eduardo Assis, (Coord.) **Literatura Afro-Brasileira**. 100 autores do século XVIII ao XXI. Ed Pallas. 1ª ed. 2013.

DUARTE, Eduardo Assis, (Coord.) **Literatura Afro-Brasileira**. Abordagens na sala de aula. Ed Pallas. 1ª ed. 2013.

E-Dicionário de **termos literários**. de Carlos Ceia em www.edtl.com.pt

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos** (2a ed. rev.). São Paulo: Global. 2007

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de História e diversidade cultural: desafios e possibilidade**. **Caderno Cedes**, Campinas-SP, vol. 25, n 67, p. 378-388, set/dez, 2005.

GERALDO, Aparecida das Graças. **A lei 10.639 e as relações de desigualdades na educação** .

Link actacientifica.servicioit.cl/.../gt/.../GT8_GracasGeraldo_PereiraMachado...

GOMES, Nilma Lino, **Cultura Negra e Educação**. Rev. Bras. Educ. no.23 Rio de Janeiro May/Aug. 2003

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200006>

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação na educação brasileira: desafios, políticas e práticas**
seer.ufrgs.br/rbpae/article/viewFile/19971/11602

GONÇALVES, Dora Maria Martins. *et al* .**Teorias da Personalidade**. Teoria Psicanalítica de Erikson. UAL - Universidade Autónoma de Lisboa. 2004 Link teoriaspersonalidade.no.sapo.pt/

GILROY, PAUL. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência**. Traducáo Cid Knipel Moreira. São Paulo - SP Brasil: Editora 34 Ltda.1993.

HAAL, Stuart. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart,WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LEPRE, RITA MELISSA. **O adolescente e a construção da identidade**
www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=395

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira, tese de doutorado. Artigo: **As novas formas de preconceito e racismo** Estud. psicol. (Natal) vol.9 no.3 Natal Sep/Dec. 2004
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>

OLIVEIRA, Raquel de. **Tramas da Cor** enfrentando o preconceito no dia-a-dia escolar. Selo Negro. 2005.São Paulo.

ORIRERÊ, Prêmio. **Cabeças Iluminadas**. Projetos de aplicação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Centro Cultural Humaitá. Curitiba. Paraná. 2013.

Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais

Brasília: SECAD, 2006. 262 pg.; il.

PRAZERES, Heitor dos. Título: **Carnaval nos arcos**. Técnica: óleo sobre tela. Ano:1961. www.catalogodasartes.com.br/Avaliacoes2.asp?Pesquisar=1...5

RIBEIRO, Ronilda. **Ação educacional na construção do novo imaginário infantil sobre a África**. In: MUNANGA, Kabenguele (org.). Estratégias e políticas de combate à discriminação racial. São Paulo: Edusp,1996.

ROSSATO, Cesar. GRESSER, Verônica. **A experiência da branquitude diante de conflitos raciais**: estudo de realidades brasileiras e estadunidenses. In: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo. Selo Negro, 2001, p.11 a 38

SANTOS, HELIO. **A busca de um caminho para o Brasil**: a trilha do circulo vicioso. São Paulo. Editora SENAC. 2001.

SANTOS, Isabel Aparecida. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial**: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo. Selo Negro, 2001.

SANTOS, R. O. **Uma reflexão sobre o desenvolvimento de posturas positivas em relação à etnia negra nas salas de aula, através da Literatura afro brasileira e africana**. SEED.PR. PDE 2013. 97 a 114

SILVA FILHO, José Barbosa. **História do negro no Brasil**. In: População negra e educação escolar. In: OLIVEIRA, Iolanda; SISS Ahyas (orgs.). Cadernos Penesb nº. 7; Rio de Janeiro/Niterói – Quartet/EdUFF, 2006.

SILVA, Flávia Gonçalves da. **Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade**: concepções a partir da psicologia histórico-cultural*

Psicol. educ. no.28 São Paulo jun. 2009

pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci...pid...69752009000100010

SILVA, Maria Aparecida. **Formação de educadores/as para o combate ao racismo**: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo. Selo Negro, 2001,p.65 a 82

SILVA. Nelson do Valle. **Uma nota sobre ‘raça social’ no Brasil**. Caderno Cândido Mendes. Estudos Afro-asiáticos, 26, 1995, p. 67-80

SOUZA, Edileuza Penha de. **Negritude, Cinema e Educação** – Caminhos para a implementação da lei 10.639/2003. Editora Maza.2011.V1

TRINDADE, S. **História de vida**. Disponível em:

[http://www.quilombhoje.com.br/solano/solano trindade.htm](http://www.quilombhoje.com.br/solano/solano%20trindade.htm)

VAZ, Sérgio. **Magia Negra** [http://educação-etnicorracial.blogspot.com.br/](http://educa%C3%A7%C3%A3o-etnicorracial.blogspot.com.br/) Apud informativohumaita.wordpress.com. Novembro, 2012.

ZUBEN, N. A. **Sala de Aula: Da angústia de labirinto à fundação da liberdade**. In MORAIS, R. de (Org.). Sala de Aula. Que espaço é esse? 10^a ed. Campinas: Papyrus, 1994.